

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

27 de Julho de 2025

com a presença dos realizadores

PROCURO T/HOMESEEEK / 2024

um filme de Danilo Godoy

Realização e Argumento: Danilo Bastos Godoy / **Supervisão de Argumento:** Fernanda Moura / **Direção de Fotografia:** Sebastian Bolenius / **Som:** Miguel Madeira / **Assistente de Som:** Rafael Sousa / **Música:** “Fiança” de Lefty / **Assistente de Direção (Set):** Patricia Keleher / **Edição:** Alexandre Escanfella / **Cor:** Sebastian Bolenius / **Intrepertação:** Giulia D’Santi (Teresa), Juliana Tavares (Ju), Francisca Sousa (Mauricio), Rita Revez (Mónica), Patrícia Melo (Corretoia de Imóveis), Jéclysson Camp (Entregador), Julia Brito (Mari).

Produção: Danilo Bastos Godoy / **Produção Executiva:** Danilo Bastos Godoy, Sebastian Bolenius, Marise Bartolozzi Bastos / **Cópia:** Ficheiro, cor, legendado em inglês / **Duração:** 17 minutos.

Procuo T/Homeseek nasceu de uma urgência criativa, uma necessidade visceral de dar forma a sentimentos que, como imigrante brasileiro a viver em Lisboa, me atravessam diariamente. Este é, sem dúvida, um filme profundamente pessoal. Reflito-me na personagem Teresa, e através dela expresso muitas das inquietações que carrego como alguém que escolheu Portugal para viver, mas que nunca deixou de sentir-se estrangeiro.

Viver em Lisboa, para muitos de nós, é habitar uma tensão constante. Carregamos, inconscientemente, a herança de um passado colonial ainda mal resolvido entre Brasil e Portugal, um passado que se insinua nas entrelinhas do cotidiano, revelando-se em atos sutis (e nem sempre tão sutis) de xenofobia, muitas vezes despertados apenas pelo nosso sotaque.

Mas este filme não se limita à questão identitária. **Procuo T/Homeseek** é também um grito contra uma crise habitacional que vem desenhando as novas linhas de exclusão social, não só em Lisboa, mas em tantas outras cidades pelo mundo. A especulação imobiliária, os preços inacessíveis, a lógica perversa de um mercado que prioriza lucro em detrimento da dignidade humana afetam a todos, inclusive aqueles com certos privilégios. A verdade é que, hoje, é quase impossível viver com conforto e segurança numa grande cidade se não se for muito rico.

Filmamos este curta-metragem como se estivéssemos a construir um documentário. Cada membro do elenco e da equipa carrega histórias reais de dificuldade em encontrar habitação. Por isso, foi natural filmarmos durante a manifestação do 1.º de abril de 2023, entre rostos, cartazes e vozes que partilhavam do mesmo apelo: o direito a habitar a cidade.

Ao entrelaçar ficção e realidade, buscamos não apenas retratar, mas amplificar. Desejamos que este filme seja um convite ao debate, que provoque reflexão e, quem sabe, ação. Queremos mudanças políticas concretas: para que imigrantes tenham acesso pleno aos seus direitos, para que portugueses possam permanecer em suas casas, para que o tecido social não seja rasgado por desigualdades alimentadas por modelos económicos insustentáveis, como o turismo predatório e a romantização do nomadismo digital.

No fundo, **Procuro TI/Homeseek** é também um filme sobre solidariedade. Sobre como, em tempos tão duros, os nossos maiores aliados são os laços humanos que conseguimos construir, com quem nos ouve, nos acolhe e nos ama, esteja perto ou longe. Porque é nesse amor, nesse cuidado mútuo, que reside a verdadeira possibilidade de mudança.

Danilo Godoy

QUORUM / 2025

um filme de Rafael Fonseca

Argumento e Realização: Rafael Fonseca / **Assistente de Realização:** Tiago Amorim / **Direção de Fotografia:** Miguel Manso / **Assistente de Imagem:** Ricardo Capucha / **Montagem:** André Franco / **Chefe da Iluminação:** Márcio Pratas / **Som:** Tomé Palmeirim Costa, Miguel Angelo Moita / **Pós-Produção de Audio e Música Original:** Tiago Inuit / **Consultor de Pós-Produção:** António Forte / **Correção de Cor:** Hugo Folgado / **Cena dos Cavalos:** João Pedro Gomes / **Direção de Atores:** Pedro Saavedra / **Figurista:** Sónia Rodrigues / **Caracterização:** Carla Pinho / **Fotógrafa de Cena:** Andreia Mayer / **Intrepertação:** Alice Ruiz, Gonçalo Botelho, Rafael Fonseca.

Produção: Droid I.D., Galactification, com o apoio do ICA / **Produção Executiva:** Miguel Manso, Paulo Prazeres, Rafael Fonseca / **Diretora de Produção:** Mónica Mota / **Chefe de Produção:** Luís Magina / **Assistente de Produção:** João Franco / **Cópia:** DCP, cor / **Duração:** 32 minutos.

Nos primeiros meses de 2020, durante um mini-curso organizado por Carlos Natálio e Luís Mendonça na FCSH chamado “ABC do Cinema”, assisti a uma aula de um dos convidados que, do que a minha memória consegue ir buscar, andava mais ou menos à volta da seguinte questão: o que é o filme? A versão exibida, ou o *director’s cut*? O primeiro corte, ou aquele aprovado pelo produtor? Quanto às cenas cortadas, ou mesmo as que não foram filmadas, marcarão essas algo que não é o filme? Para mim, este filme, QUORUM, recorda-me essa questão, uma questão que fica por resolver: o meu filme parece-me um devir em permanência. Assistimos a ele esta tarde na forma definitiva que atingiu, e bem: acho-o tecnicamente irrepreensível, impecavelmente montado. Mas porquê este guião e não outro? Porque é que é assim e não assado (JCM)? Ainda hoje serei um pouco céptico na consideração de que o filme se esgota nesta baliza de trinta e dois minutos, apesar de a adorar; habituei-me a considerar um pouco tudo o QUORUM: há o filme que poderão ver, uma extraordinária colecção de fotografias de cena, as várias versões do argumento que escrevi ou o corte com um quarto de hora adicional acarinhado na produtora. A verdade é que não tenho muito para dizer sobre o filme – sobre o texto interno do filme, nem vejo qualquer necessidade. O maior prazer que as exposições que teve me deram foi assistir à multiplicidade de leituras que parece cativar: tornei-me fã de algumas. Vi-lo vezes suficientes parecer fácil de compreender, nas variadíssimas formas que essa compreensão pode constituir, para acreditar que não é um filme nada difícil, o que representa talvez a sua maior qualidade. Por mais que seja, portanto, apreciador de folhas de sala escritas por terceiros, existia aqui uma urgência de escrever algo pessoal e muito sério. As texturas do meu mundo estão a alterar-se de uma forma muito veloz, e não tardará o dia em que me esqueça um pouco daquilo que foram. QUORUM foi construído cheio de cifras privadas e significados íntimos, alguns dos quais practicamente já não recordo. Não tendo nada a dizer sobre o filme, tenho no entanto uma

palavra ou duas a dizer em relação à minha vida, o que é na verdade um gesto feito em total coerência e prolongamento com a obra.

Passei os meus anos de estudante numa residência universitária no centro de Lisboa onde se organizavam viagens de grupo: foram as primeiras grandes viagens que fiz, deixando por isso todas marcas indeléveis. Talvez por considerar Braga e o Gerês o mais perto que tinha de um território Outro no meu quotidiano, ou por ter ficado mesmo com um encanto pela pequena Vila, foi para lá que me dirigi sozinho no Inverno de 2018 para tentar encontrar alguma coisa para filmar. Foi uma coincidência que me tenha deparado com o lugar que chamam Penedo da Freira (sucedeu que acabei por fazer o filme definitivo sobre esse monte) - a lápide que está no filme é real, é inexplicada a sua presença ali, há uma lacuna, sendo que as notas etnográficas que existem sobre a mesma e que podemos consultar *online* são absolutamente imprecisas, referindo-se sempre a uma proveniência da pedra escrita no Bom Jesus de Braga, não no Gerês. Quanto à lenda a que se refere o soneto, menos certezas ainda há - dir-se-á que aconteceu, existem umas notas de Camilo Castelo Branco sobre uma freira do Porto e um soldado castelhano que se apaixonaram naquele monte e ali viveram. É o vago dentro do vago: quem esculpiu assim a pedra e a colocou neste local supostamente central à lenda? A minha personagem coloca estas questões no filme. Num fim de tarde, entrei sozinho no pequeno caminho à saída da Vila que dá para este penedo e revelou-se magneticamente a peça central ou o veículo do filme que pretendia fazer. Foi-me oferecido pela circunstância: parecia-me imperativo fazer um filme, e era preciso encontrar alguma coisa que permitisse essa obediência. Havia sobretudo uma questão de necessidade. Eis brevemente o que tinha na cabeça naquelas semanas antes do Natal em 2018, quando voltei sozinho para o Norte: uma leitura de *The Total Film-maker*, de Jerry Lewis - sabia intuitivamente que só havia uma maneira de fazer o que queria fazer, que era estar num filme por inteiro, escrevendo, realizando e encenando-me depois enquanto intérprete. Tinha a sequência de abertura de *O Sapato de Cetim* de Manoel de Oliveira, com Luís Miguel Cintra amarrado ao mastro em alto mar. A imagem da cara de uma mulher nas montanhas, muito antiga, ideia universitária. Tinha vaguíssimos eflúvios da ideia de um casal condenado, vindas meio de sonhos, e um assombro que na altura não tinha ultrapassado face à morte de Andrzej Żuławski depois de *Cosmos*, filme rodado em Portugal. Apesar desse signo ter desaparecido há muito de QUORUM, durante quase toda a produção mantive a ideia de filmar na casa em Sintra onde ele filmou; na manhã em que submeti o argumento ao ICA, em 2020, estava a trabalhar como técnico numa rodagem com Victória Guerra, e o almoço onde lhe falei da lenda do Gerês permanece um dos maiores momentos da constelação. Tinha em mente a ideia de ir para as montanhas filmar à noite dentro da floresta, ideia que evidentemente abandonei, mas não antes de comprar a lanterna de campismo mais potente que pude em Braga. Antes de partir, lembro-me bem do instante em que tudo isto se pareceu impôr ao mesmo tempo, dentro de um cacilheiro a atravessar o Tejo. Desses dias que passei sozinho no Gerês tenho dezenas de *gigabytes* de imagens que supersticiosamente nunca mais voltei a abrir, shots bem conseguidos e falhados. Fiz longos planos de cascatas, de jogos de cartas no hotel, explorei edifícios abandonados que não tinham ninguém à vista. Tudo isso entrou no filme apesar de nada disso entrar no filme. Era importante para mim, quando voltei com uma equipa, filmar estes sítios onde tinha estado. A casa da freira e do castelhano, curiosamente, também é uma coisa que está lá e não está. Houve certas clareiras de mato que não consegui voltar a encontrar. Houve ideias: queria filmar o actor e a actriz, já um casal, a fugir das hostes de um monarca invisível nas minas antigas do ponto mais alto do Gerês, o que me foi desaconselhado em produção. Filmei QUORUM como se fosse cair morto a seguir a tê-lo filmado, o que não é a coisa mais evidente de conciliar com todos os aspectos práticos de fazer um filme. Devo-o por inteiro às dezenas de amigos e mentores que o fizeram comigo: não existiria um *frame* sem a minha maravilhosa equipa.

Era muito importante também que parte do filme se passasse no ANIM. Os três meses do meu estágio no Arquivo Nacional da Imagem em Movimento foram, sinto-o frequentemente, os instantes mais perfeitos que passei na Terra. Não há exagero nisto que escrevo, e era essencial que lá filmasse. As tardes que passei no interior do cofre dos Novos Formatos, que arrumei, e que filmo em QUORUM arrumado, comigo lá dentro, são o meu maior triunfo, um gesto incólume da vida e da ficção num só movimento. Até a cadela Scarlett, um dos maiores amores que conheci, consegui que aparecesse na rotação. A miniatura do jesuíta no barco reside lá no edifício, também, como sabem. Com esta exibição na Cinemateca, o filme está evidentemente em casa. “Todas as grandes constelações de um e de outro hemisfério, a Ursa Maior, a Ursa Menor, Cassiopeia, Orion, o Cruzeiro do Sul, estão suspensas e ordenadas como enormes girândolas e como gigantescas panóplias em redor do céu.” (Paul Claudel)

Rafael Fonseca

CÁ DENTRO / 2019

um filme de Tiago Pimentel

Realização, Direção de Fotografia e Montagem: Tiago Pimentel / **Argumento:** António Miguel Pereira, Tiago Pimentel / **Música:** Filipe Goulart e Milton Nuñez / **Câmara:** Guilherme Carvalho, Ricardo Machado, Miguel Munhá / **Interpretação:** Ruben Garcia, Fabíola Lebre, Sara Rio frio.

Produção: António Miguel Pereira, Tiago Pimentel / **Produção Executiva:** António Miguel Pereira, Tiago Pimentel / **Cópia:** Ficheiro, cor, legendado em inglês / **Duração:** 16 minutos.

Cá Dentro é um filme realizado por Tiago Pimentel que assina o argumento juntamente com António Miguel Pereira. Juntos formam uma dupla de criadores que trabalha em conjunto há vários anos, sendo o seu mais recente projeto uma curta-metragem intitulada “Era Uma Vez no Apocalipse”, que arrecadou já vários prémios nacionais e reconhecimento internacional.

Cá Dentro, tratando-se de um exercício nos antípodas narrativas deste último projeto, acaba por ser igualmente desafiante, sobretudo no diálogo mudo entre as imagens e o som, e na forma como essa estranheza mantém o suspense até ao final. Um filme que utiliza as ferramentas cinematográficas como forma ambígua de dificultar o posicionamento do espectador na história e no questionamento constante de um conceito claro de perspetiva.

Sendo um filme que expõe a componente sexual como algo profundamente complexo e intimamente identitário, é também um manifesto visual e estético de estranha sobriedade, que parece desafiar o hiperrealismo social mais característico deste tipo de narrativas.

As interpretações de Ruben Garcia e Sara Rio Frio são de raríssima e preciosa subtileza, representando uma espécie de sinédoque dos mecanismos humanos que invocam.

Um filme sobre dois corpos errantes num quarto à procura da sua voz.